

EDUCAÇÃO E AFETO

Uma ligação necessária

Denise Berenice Behenck

Ernani J. Schneider

Curso de Especialização em Psicopedagogia

Resumo

Este artigo trata da importância da afetividade familiar no processo ensino-aprendizagem. Apesar dos sentimentos de amor e afeição, em especial nos primeiros anos de vida parecerem insignificantes para a grande maioria dos pais, são sentimentos importantes que influenciarão o sucesso escolar da criança. São eles, os pais, os maiores responsáveis pela preparação emocional do filho. Com a agitação da vida moderna, é comum esta necessidade ser ignorada. Com isso, grandes prejuízos são causados na inteligência emocional da criança que, ao chegar na idade escolar, sentirá graves reflexos em sua aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

No mundo capitalista e individualista em que vivemos, onde pais precisam se dedicar intensamente ao trabalho, a instituição familiar virou algo sem importância. A preocupação maior está focada nas grandes guerras, nas violências urbanas, na realidade econômica; o interesse maior está no avanço da tecnologia, no acúmulo de riquezas ou, então, na sobrevivência. Esta é a realidade do mundo que está sufocando pais, levando-os, em sua maioria, à ausência familiar.

Para essa instituição, não se encontra mais tempo e paciência para o amor e afeto. O erro de muitos pais é pensar que boa escola, boa moradia, conforto e dinheiro sejam tudo para garantir ao filho a chave das soluções para seus problemas. Os pais, além de se preocuparem com o progresso físico e intelectual dos filhos, devem dar a mesma atenção à saúde emocional. A educação das emoções não é menos importante do que a do corpo e mente, sendo, porém, muito mais complexa.

É comum ouvir de pais o seguinte desabafo: “Já não sei mais o que eu faço com o meu filho: não tem jeito de aprender. Já mudei de escola três vezes, foi feito exame neurológico, não apresentou nada de anormal, tem acompanhamento com professora particular e vai repetir o ano novamente. Só pode ser preguiça; não tem outra explicação; ele é muito preguiçoso”. Dificilmente os pais assumem alguma responsabilidade pelo fracasso escolar do filho, muitas vezes, por desconhecerem a importância do seu papel quanto à afetividade dentro da instituição familiar.

Um alto percentual do padrão emocional do ser humano é formado nos primeiros anos de vida. Se os pais fornecerem um modelo deformado durante a infância, será difícil, se não impossível, modificá-lo mais tarde. Muitos desconhecem as consequências deixadas em uma criança quando para a emoção não é atribuído um valor significativo.

Os alfabetizadores encontram, com frequência, muitos problemas de aprendizagem causados por fatores emocionais. A criança é aquilo que seus pais são, é o resultado do ambiente, das influências que a rodeia e dos exemplos que seus pais dão. Por

isso, podemos afirmar que educar filhos não é brincadeira.

Dobson (1984) relata um estudo realizado pela Universidade de Harvard. O estudo foi orientado pelo Dr. Burton L. White e uma equipe de quinze pesquisadores que, em um período de dez anos, estudaram intensamente crianças pequenas com o objetivo de descobrir quais as experiências nos primeiros anos de vida que concorrem para o desenvolvimento de um ser humano sadio e inteligente. Esses pesquisadores concluíram que os pais podem aumentar a capacidade intelectual de seus filhos e resumiram suas conclusões em seis tópicos:

- Fica cada vez mais claro que as origens da capacidade humana encontram-se num período crítico de desenvolvimento entre oito e dezoito meses de idade. As experiências da criança durante esses breves meses fazem mais para influenciar a sua futura competência intelectual do que qualquer outro período antes ou depois deles. Isso não significa que antes do oitavo mês, ou que a partir de um ano e meio de idade, a criança não necessite das influências positivas de seus pais; pelo contrário, carinho e atenção se fazem necessários em toda faixa etária.
- O fator ambiental mais importante na vida da criança é sua mãe. Ela é o foco principal e tem mais influência sobre as experiências da criança do que qualquer outra pessoa ou circunstância. A figura materna pode até ser a mais importante, porém não é a única. A presença do pai deve ser muito valorizada, desde que o mesmo não seja visto pela criança somente como figura autoritária que serve para impor regras e dar castigos quando as mesmas não são respeitadas.
- A quantidade de linguagem viva dirigida a uma criança (não confundir com televisão, rádio ou conversas ouvidas) é vital para o desenvolvimento de suas capacidades lingüísticas, intelectuais e sociais básicas. Os pesquisadores concluíram que oferecer uma vida social rica a uma criança de doze a quinze meses é a melhor coisa que se pode fazer para garantir-lhe uma boa mente. Essa

vida social rica a que os pesquisadores se referem deve ter início já no ventre materno, sem economizar linguagem afetiva para com o bebê que está a caminho.

- As crianças que tiveram livre acesso às áreas de interação da família progridem muito mais depressa do que aquelas cujos movimentos são restringidos. Quanto mais estímulos a criança receber, melhor ela se desenvolverá. Por isso, é necessário que a família propicie à criança ambientes e situações que favoreçam seu desenvolvimento intelectual e físico.
- O núcleo familiar é o sistema educacional mais importante. Se quisermos produzir crianças mais capazes e saudáveis, é preciso fortalecer as unidades familiares e melhorar as interações que ocorrem dentro delas. Muitos pais não têm consciência do quanto são responsáveis pela inteligência emocional de seus filhos, o que mostra que, nesses casos, para a instituição familiar não é destinada a devida importância.
- Os melhores pais foram os que se sobressaíram em três funções-chave:
 - (1) Foram soberbos no planejamento e organização dos ambientes para os filhos. É fundamental que pais se preocupem tanto com a saúde física e intelectual quanto com a saúde emocional da criança.
 - (2) Permitiram que os filhos os interrompessem em períodos breves de 30 segundos, durante os quais houve troca de consultas pessoais, consolo, informação, entusiasmo. A criança que tem liberdade para dialogar com seus pais torna-se mais segura e autoconfiante.
 - (3) Eram disciplinadores, firmes, embora mostrassem simultaneamente grande afeição pelos filhos.

Valendo-se das conclusões de Dobson (1984), esse estudo confirmou a importância da afeição como base de toda a saúde mental e física sem excluir a necessidade de corrigir e impor limites, sendo que deve existir a combinação adequada de amor e disciplina.

2. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

2.1. DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

O padrão emocional do ser humano é formado nos primeiros anos de vida. Se os pais fornecerem um modelo deformado durante a infância, será difícil, se não impossível, modificá-lo mais tarde. Muitos desconhecem as conseqüências deixadas em uma criança quando para a emoção não é atribuída um valor significativo.

A inteligência emocional da criança é determinada até certo ponto pelo temperamento, isto é, pelos traços de personalidade com os quais nasce; mas ela também é moldada pelas interações com os pais. Essa influência começa nos primeiros dias de vida, quando o sistema nervoso imaturo da criança está se formando.

Alguns especialistas argumentam que o estado emocional da mãe gestante, variando de relaxado e feliz para tenso e infeliz, pode ter efeito importante sobre o feto. Enfatizando esse ponto, Yamamoto (1972), citado por Gallahue e Ozmun (2001, p.390), afir-

ma que alguns estudos têm sugerido que experiências estressantes da mãe gestante podem alterar os movimentos do feto de normal para hiperativo: “a mãe deveria saber que criança fisicamente saudável tem maior probabilidade para um desenvolvimento psicológico adequado, visto que o conceito do eu físico da criança desempenha parte importante na totalidade do autoconceito”. (grifo do autor)

Os meses iniciais do período neonatal mostram os primeiros sinais visíveis de desenvolvimento de autoconceito. O carinho e o calor dos pais em relação às crianças transmitem os primeiros sentimentos de amor e de afeição. O sentimento de bem-estar do bebê é afetado pelo estado emocional dos pais e pela atenção às suas necessidades físicas. A satisfação das necessidades psicológicas é igualmente importante porque o bebê precisa estabelecer os sentimentos de confiança, segurança, reconhecimento e de amor. A confiança é um item básico a ser resolvido logo no início do relacionamento bebê/pais. Mães e pais criam o sentimento de confiança nos filhos pela combinação de cuidados sensíveis com um firme apoio pessoal. (GALLAHUE e OZMUN, 2001, p. 90).

Os adultos não devem interpretar as emoções das crianças baseados em si mesmos, em suas emoções. A mesma emoção de uma criança em um adulto pode indicar um sentimento completamente diverso. Na primeira infância, as reações são mais complexas. Os estados emocionais mudam e se transformam rapidamente. Em questão de minutos, a criança pode mudar da ira para o prazer. Isso não quer dizer que suas emoções sejam irreais ou sem importância. Sua importância é provada pelo fato de que as primeiras impressões da infância podem durar a vida inteira.

Muitos pais fazem pouco caso das emoções de seus filhos, alegam que são apenas crianças, mostrando-se indiferentes: afinal, um carrinho com a roda quebrada não tem importância alguma perto dos problemas da empresa ou, então, até acham graça, rindo da criança irritada. Atitudes como essas, invalidando sentimentos demonstrados pela criança, fazem-na perder a confiança em si mesma. É de grande importância que ela se sinta respeitada e valorizada pela família para ter melhor rendimento na escola, mais amigos e uma vida mais saudável e bem-sucedida.

A criança é bem espontânea, não faz esforço para reprimir sua expressão emocional, e o papel do adulto é incentivá-la a exprimir todas as tendências emocionais que contribuem para o desenvolvimento do bom caráter. Deve também ensiná-la a controlar todas as suas inclinações erradas, ou seja, promover e desenvolver as emoções desejáveis e controlar as indesejáveis.

É comum os pais serem bastante amorosos e atenciosos com seus filhos e, no entanto, não conseguem lidar de forma eficiente com as emoções negativas dos mesmos. Entre esses pais incapazes de ensinar inteligência emocional aos filhos, Goleman (1997, p.22) identifica três tipos:

- 1 pais simplistas, que não dão importância, ignoram ou banalizam as emoções negativas da criança;
- 2 pais desaprovadores, que são críticos das demonstrações de sentimentos negativos dos filhos e podem castigá-los por exprimirem as emoções;
- 3 pais laissez-faire, que aceitam as emoções dos filhos e demonstram empatia por eles, mas não os orientam nem lhes impõem limites.

Goleman (1997, p. 22), em seu livro *Inteligência Emocional*, relata os efeitos desses estilos de pais sobre a criança. “Os filhos

de pais simplistas e desaprovadores aprendem que seus sentimentos são errados, impróprios, inadequados. Podem aprender que há algo intrinsecamente errado com eles por causa do que eles sentem. Podem ter dificuldades em regular as próprias emoções”.

Os filhos de pais *laissez-faire* têm dificuldade de se concentrar, de fazer amizades, de se relacionar com outras crianças e não aprendem a regular as emoções. No entanto, filhos de pais que são preparadores emocionais, aprendem a confiar em seus sentimentos, regular as próprias emoções e resolver problemas. Tem auto-estima elevada, facilidade de aprender e de se relacionar com as pessoas. (GOLEMAN, 1997, p. 23)

Mas para fazer parte do grupo de pais acima citado não é tão simples. É necessário saber como trabalhar com as emoções da criança e prepará-la. Goleman (1997) descreve algumas das principais atitudes de pais preparadores emocionais:

- vêem nas emoções negativas uma oportunidade de intimidade e um momento importante para agirem como educadores;
- percebem e valorizam as próprias emoções;
- são sensíveis aos estados emocionais das crianças, mesmo os sutis;
- não ficam confusos nem ansiosos com a expressão de emoção da criança; sabem o que precisa ser feito;
- respeitam as emoções da criança;
- não dizem como a criança “deve” se sentir;
- não sentem que precisam resolver todos os problemas para a criança;
- usam os momentos de emoção para:
 - escutar a criança;
 - demonstrar empatia com palavras tranquilizadoras e afeição;
 - ajudar a criança a nomear a emoção que ela está sentindo;
 - orientar na regulamentação das emoções;
 - impor limites e ensinar manifestações aceitáveis da emoção;
 - ensinar técnicas de solução de problemas.

De acordo com Chalita (2001), a habilidade emocional é o grande pilar da educação, sendo que não é possível desenvolver as habilidades cognitivas e social sem trabalhar a emoção. Ainda para o autor, trabalhar a emoção exige paciência, pois se trata de um processo continuado cujas mudanças não ocorrem de uma hora para outra.

2.2. BAIXA AUTO-ESTIMA E SUCESSO ESCOLAR

Lembrando os efeitos dos pais que não são preparadores emocionais, é fácil observar o quanto esses efeitos favorecem na criança o fracasso escolar. O reflexo está na sala de aula: o aluno que tem dificuldade de se concentrar, de se relacionar com outras crianças, que não acredita em seus sentimentos e tem baixa auto-estima, conseqüentemente, apresentará dificuldade de aprendiza-

gem. A criança, ao ingressar na educação infantil, sentir-se-á incapaz de realizar as atividades propostas pela professora; logo se fechará num mundo só seu por medo de expor o que está sentindo, por medo de errar.

Esse sentimento de incompetência perseguirá a criança em todas as fases de sua vida escolar. Seja numa simples atividade motora ou no complexo mundo da leitura e escrita, para a criança com um autoconceito deficiente tudo é impossível de ser realizado. Prevaecem os sentimentos de “eu não consigo”, “eu estou sempre errado”. A criança se vê desvalorizada por causa de repetidos fracassos e logo se sente desmotivada a experimentar novas tarefas demonstrando, muitas vezes, ser indiferente ou temerosa.

As crianças com baixa auto-estima também são afetadas de modo negativo pelo que acham que os outros pensam delas. Tendem a viver de acordo com as expectativas de outros ou, pelo menos, de acordo com o que pensam ser essas expectativas.

A influência de um autoconceito deficiente no processo de aprendizagem pode ser muito grande, conforme afirmam Gallahue e Ozmun (2001, p. 301):

A alta ansiedade, o nível pobre de realizações, os desvios de comportamento, a dificuldade no aprendizado e a delinqüência estão entre os muitos problemas. A percepção que o estudante tem de si como ‘aprendiz’ ou ‘não-aprendiz’ afeta o seu nível de desempenho acadêmico. Desempenho inferior vincula-se, freqüentemente, ao status de não-aprendiz a que se reserva o estudante, ao resistir à aprendizagem, pois esta, em sua opinião, é incompatível com ele. A criança, quando sente que não vai ter bom desempenho, pode negar ou reduzir sua habilidade real, que pode ser mediana, acima da média ou até superior. Em contrapartida, a criança com visão orientada para o êxito envolve-se em projetos ou assume novos desafios, com expectativa total de desempenho.

A baixa auto-estima pode ter efeitos devastadores em todos os aspectos da vida da criança. É o sentimento de frustração e desesperança que freqüentemente acompanha o fracasso da alfabetização e da aprendizagem escolar como um todo e vai deixando rastro negativo no decorrer de sua vida, dentro e fora da escola.

É necessário apoiar a auto-estima das crianças de modo que, se fracassarem no desempenho de alguma atividade, não se sintam completamente derrotadas. A reserva de experiências bem-sucedidas vai ajudar a desenvolver a atitude do “eu consigo”. O sucesso é muito importante, particularmente nos estágios iniciais do aprendizado.

2.3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Como educadoras, muitas foram as crianças com as quais já tivemos o privilégio de trocar conhecimentos, experiências. Porém, uma delas foi marcante em nossas vidas. Fomos convidadas para trabalhar com uma criança que já havia passado por muitos profissionais da educação e não conseguia ser alfabetizada. Os psicólogos comunicaram que as dificuldades apresentadas por ela tinham causas emocionais. Ao conhecer a criança, pouco acreditamos que uma família sem afeto e amor poderia causar tamanhas seqüelas, mas iniciamos ali um trabalho com o qual muito mais aprendemos com o aluno do que ele conosco. Tivemos a oportunidade de comprovar o quanto essa instituição cha-

mada FAMÍLIA é fator relevante para garantir um aprendizado com sucesso.

2.3.1. BREVE HISTÓRICO PSICOTERÁPICO A RESPEITO DE SOL

O pseudônimo Sol foi usado pelo profissional da área de psicologia em relação à criança desse estudo. Sol iniciou o processo psicoterápico aos cinco anos de idade. Nessa época, cursava o jardim II, e sua necessidade de tratamento foi levantada a partir de observação do corpo docente. Tinha dificuldades de aprendizagem, não diferenciava cores, linguagem insuficiente, dificuldades na coordenação motora e de interação com outras crianças.

Após psicodiagnóstico (Teste Bender), também verificamos que sua idade cronológica não acompanhava sua idade maturacional, ficando uma diferença aproximada de dois anos que, para uma criança, é um tempo muito significativo.

A mãe, no início, apresentou resistência ao trabalho; porém, após exposição da necessidade, aceitou submeter Sol ao processo de terapia. Durante anamnese, descobrimos que a criança tivera os primeiros anos de vida muito turbulentos. Presenciu grandes conflitos emocionais dos pais, inclusive um processo de separação doloroso.

Após a separação, Sol ficou morando com a mãe e seu irmão mais novo. A mãe, por necessidade, trabalhava o dia inteiro, e os filhos ficavam aos cuidados da empregada. Nos primeiros anos de vida, também apresentou refluxo e, na idade atual, já apresentava traços compulsivos à alimentação.

Após dois anos e meio consecutivos de intervenção pedagógica (a criança com dez anos concluiu a 1ª série do Ensino Fundamental), apresentou grande progresso na construção da leitura e escrita. Contudo, foram claramente percebidas dificuldades causadas pelo desajuste emocional.

2.3.2. PARECER DESCRITIVO DA PROFESSORA QUANTO À CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DE SOL

Sol lê, realiza a atividade com cuidado, fazendo primeiro uma leitura silenciosa antes de expressar-se oralmente. Apresenta algumas hesitações naturais diante de palavras com dígrafos (banho, abelha, abrir), mas efetua a leitura com interesse, satisfação por “saber” e poder demonstrar este saber ao outro. Mostra-se mais insegura no processo de escrita. Conhece, reconhece, associa som e letra no que se refere às vogais. Em relação às consoantes, apresenta algumas dificuldades, no sentido de não identificar e não associar algumas ao seu som, demonstra uma aprendizagem mecânica das mesmas, sem ter uma construção verdadeira, ou seja, experimentação, exploração espontânea e livre de letras, sons, palavras, elaboração e testagem de hipóteses a respeito de como se articula a escrita. Mostra-se muito preocupada em escrever corretamente, fica ansiosa, insegura e quer que o adulto lhe diga como é que se escreve, sem autonomia nem confiança para fazer suas tentativas.

Este é o retrato das inúmeras crianças vítimas de pais emocionalmente despreparados:

disciplina interagem para influenciar as atitudes de uma criança. Estes dois aspectos de um relacionamento não são opostos trabalhando um contra o outro. São duas dimensões da mesma qualidade. Um requer o outro. A ação disciplinar não é um ataque ao amor paternal, é uma função dele. O castigo apropriado não é algo que os pais fazem a um filho amado, é algo feito por ele ou ela (DOBSON, 2000, p.23). (grifos do autor)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base do sucesso na alfabetização é a auto-estima. A valorização da afetividade é tão necessária quanto os cuidados básicos de uma boa alimentação e conforto. É através do afeto que garantimos a autoconfiança da criança e a descoberta de que ela é capaz de realizar qualquer ação obtendo êxitos.

É de extrema importância que pais tenham consciência de que o fracasso ou o sucesso escolar de seu filho dependerá, na maioria das vezes, do sentimento de amor e afeição para com ele. O desajuste emocional é muito simples de acontecer; entretanto, a reconstrução geralmente é um processo lento, difícil e, por vezes, impossível, com influências graves na alfabetização, causando a baixa auto-estima e acarretando seqüelas. Esse dano emocional causado à criança pode ser comparado a um cristal que, depois de quebrado, pode ser restaurado, mas as marcas da junção permanecerão para sempre.

Esta “profissão” - PAI e MÃE - com certeza, é prazerosa e gratificante, porém não é simples. É necessária muita cautela e preparação, assim como para todo profissional que precisa especializar-se em sua área para atuar com sucesso. É claro que todos passam pela experiência de ser pais iniciantes, e todos cometem erros, pois eles são inevitáveis, mas o importante é amar o filho incondicionalmente e buscar constantemente o equilíbrio entre disciplina e amor.

Expressar apoio afetivo é de uma importância extraordinária dentro da estrutura familiar. Um olhar carinhoso, um toque, ouvir e dar atenção aos sentimentos de um filho bombeia-lhe energia e o motiva a retomar ao ponto de onde parou. Essas demonstrações de afeto devem começar muito cedo, ainda no ventre materno. Dessa forma, quando a criança chegar à idade escolar, a alfabetização acontecerá de maneira prazerosa e espontânea, e o sucesso a acompanhará em todas as áreas de sua vida.

Contudo, quando a criança chega à instituição escolar prejudicada emocionalmente, cabe ao educador criar um ambiente acolhedor e seguro, oportunizando a ela o relacionamento com mais crianças e a incentivando a agir com autonomia, demonstrar seus interesses e expressar seus sentimentos.

É preciso que o professor confie e acredite na capacidade do aluno. Elogios, incentivos e limites, quando transmitidos de forma sincera e afetiva, levam a criança a valorizar sua auto-estima, desenvolver sua autonomia e ter progresso no mundo da leitura e escrita.

Nos dias em que vivemos, é pouco provável que a instituição familiar se torne consciente da importância do seu papel. A tendência é que este seja ignorado cada vez mais. Com base nessa constatação, caberá à escola assumir a responsabilidade da família, e novos estudos se farão necessários sobre o papel do professor frente à criança cujos pais não são preparadores emoci-

onais, pois é verdadeiramente impossível enxergar a educação sem afeto.

4. REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Educação**: A solução está no afeto. 6. ed. São Paulo: Gente, 2001.

DOBSON, James. **Respostas às suas perguntas**. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

_____. **Ouse disciplinar**. 4. ed. São Paulo: Vida, 2000.

GALLAHUE, David L; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. Bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. 16.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.